

7. 7º Giro – a tesebó e o kaos nômade

olhe-se no espelho e tente... (pois uma de suas máscaras é o rosto de um feiticeiro...) (Hakim Bey)

à Juliana pelo amor kaótico...

7.1. Mote & amotinação

A que vem essa tese? A quem interessam estas tantas páginas escritas? Para que? Por que? As questões se insinuam, a inquietação aumenta. Por que ficar 6 anos estudando numa pós-graduação com investimento do Estado brasileiro? Vale a pena? Como avaliar esta tese ou se o tempo e o dinheiro foram bem gastos? Como explicar para as pessoas que encontramos no dia-a-dia o que fazemos? Como conversar com o cara que nos vende nossa cerveja, põe nossa comida na mesa, ou compartilha o acento do ônibus ou do metrô conosco? Como falar para ele que o que estudei esses anos todos tem a ver com suas vivências? Será que tem alguma relevância? A quem interessam Deleuze e Guattari, Viveiros de Castro ou Walter Mignolo? O que ou como esses fabricantes de conceitos, perceptos e afetos em seus tensionamentos dos modos de saber da modernidade / colonialidade atuam no mundo contemporâneo? A antropofagia, os agenciamentos, os devires, os rizomas, a opção descolonial, o pensamento fronteiriço, o perspectivismo ameríndio ou as gnosilogias não-ocidentais estão transformando e potencializando as intervenções éticas no mundo?

O que significa fazer ciências sociais ou humanas hoje em dia? Quais as conseqüências práticas das várias teorias das ciências sociais e humanas com que trabalhamos? Faz-se necessário colocar nossa prática intelectual e nossa vida em questão. A espécie humana, a natureza em continuidade simétrica com a cultura, povoada por quase-objetos e quase-sujeitos está sob ameaça e sob suspeita. O *logos*, a epistemologia, a ontologia, a ética, a literatura, a antropologia, a sociologia, a história, a geografia estão todas em questão. Como estabelecer linhas de fuga às tensões do CMI (Capitalismo Mundial Integrado), do ultimato climático, do terror e do medo generalizado, em suma, do “estado de excessão” e

da sociedade de controle em que estamos imersos? Como escapar das obrigações, como diria André Monteiro, do *homo lattes*?

Este giro funciona como posfácio ou prefácio da tese. Em linhas gerais, continuo a investigação que começou na monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais sobre a Revolução Cubana, passando pela dissertação, menos sobre e mais com o Glauber Rocha. Os giros, organizados pelos *dis-cursus* dos acontecimentos, trazem minhas inquietações de vida. A escrita é saúde, alegria e sobrevida. A arte e o pensamento, a vida e o conhecimento, a natureza e a cultura estão indissociáveis e fazem parte do plano de imanência. Quero, antes de mais nada, seguir o fluxo contínuo e liso, disparando variações, diferenças e, principalmente, controversias entre alteridades. Não para identificar, para chegar a um termo universal e transcendental e sim para ser sempre já outro. Cismando sobre a vida com caboclos, orixás, pensadores, artistas, animais, encantados, sábios, plantas, dervixes, budas, taoístas, sufis, espíritos, drogas e sonhos.

Uma tese como esta é contra o Estado, servindo-se dele através da bolsa da Capes, e contra as máquinas de guerra corporativas, em aliança com o Estado. O que impulsiona os giros em espiral da escrituração aqui é tensionar a epistemologia, a ontologia e a ética ocidentais através da ativação de outras gnosiologias e da incorporação de conceitos, afetos e perceptos de intercessores aos quais me aliei. Intensifico as potências de ação na vida, acessando o movimento, deixando fluir sem embarrear ou estriar o espaço-tempo dos intercessores. A tarefa é molar e principalmente molecular, sempre incorporando-aglomerando-devorando outros – em devir outro –, permanecendo enquanto potência menor e por entre o Estado e as corporações – desde a Oi, a Coca-Cola, a Light, a Microsoft, os hipermercados, a Nestlé até as ONGs. Fazendo insurgir acontecimentos, *uprisings* e motins, e criando zonas autônomas temporárias através da investigação de outros modos de enunciação, de pensamento, em diferentes espaços e tempos.

Outras cosmologias para tensionar a força identitária global da *doxa* e diferir dela. Esta é a opção descolonial e a tese se desenrola através de um pensamento fronteiro aonde coexistem no plano de imanência muitas texturas, cores, informes, códigos, odores, percepções, estágios alterados de consciência, transes e trânsitos. Em suma, a tese em giros, continuamente antiautoritária,

dispara variáveis e diferenças para a liberação da vida em sua máxima potência – o que pode o corpo? Sempre mais. É “esotérica” porque traz consigo uma multidão de “modalidades de estudo e posicionamento estratégico de ‘estados incomuns de consciência’ ou da experiência espiritual, que são radicais o suficiente para escapar do discurso totalitário da autoridade mística ou religiosa” (Wilson, 2004: 14). E, além disso, escapar do autoritarismo disciplinar, formal, régio do Estado e das corporações.

Libertar as mentes, os corpos, as almas, as falas e os ouvidos através dos estados alterados de afecção, percepção e conceitualização tensionados pela borda, pelos anômalos da borda, pelas outras gnosiologias e pelas filosofias que escapam aos dualismos modernos – inclusive o pós-moderno. Um espaço-tempo contínuo e esotérico sem as geografias e as histórias da modernidade / colonialidade. Este é o lugar da **tesebó**, menos uma tese formal e disciplinar respondendo à expectativa da academia e mais uma tese que entra na onda do “curso desunido e interrompido”. Uma tese como feitiço, transformação mágica espaço-temporal. Eis a força dos motins antropofágicos. O conceito está na fronteira dos outros, tanto na borda da filosofia ocidental com suas teses científicas quanto no limiar da intervenção e intercessão mágica no cosmos. O *ebó* é o alimento dos Orixás, o reequilíbrio das forças em disputa e choque, a abertura dos caminhos. Através da controversia entre tese e *ebó*, estabeleço meus intercessores e entro nas ondas dos motins antropofágicos. Intervenho e intercedo, de um jeito ou de outro, através da literatura, da filosofia, da antropologia, da história e da sociologia, no mundo contemporâneo. Sempre solto na multidão, em devir, na fronteira dos outros abrigado provisoriamente e caçando zonas autônomas temporárias, que escapem às zonas de conforto e sejam, desde já, antiautoritárias e imanentes.

7.2.

Kaos ou o desabrigo caótico

Kaos = avanço em espiral, rebelião pura e permanente (Jorge Mautner).

O caos de Hakim Bey e o *kaos* de Jorge Mautner celebram a “erótica desordem”, a força do que ainda não se formou, dos informes ou a imaturidade

das formas, devoram subjetividades páticas e parciais através de relações transversais. Eis a tarefa do rastreador antropofágico e sua prática política na enunciação de conceitos, perceptos e afetos. O movimento caótico e dessa tesebó é “destruir hábitos e revelar mutabilidades” seguindo a opção descolonial e contaminando o pensamento. Levar o saber ao seu limiar, à sua borda. Viajar como experiência de fuga da “zona de conforto”, dos lares permanentes. Filosofia como eterno canteiro de obras e o outro como exterioridade. Nossa tarefa segue o que Roberto Corrêa dos Santos definiu como a tarefa da antropofagia: “exteriorizar exterioridades”; afinal de contas, só restam exterioridades. Alianças por interesse e pelo encontro – casual? – com narradores-fabuladores viajantes, com o axé, o chi, a ciência social, a literatura, a modernidade com suas idiosincrasias. Estamos, volto a repetir, na fronteira com os outros, de tenda em tenda – nômades – retirando o sustento diário ou o máximo de cada experiência em cada espaço e de cada tempo.

“Caos não é entropia, Caos não é morte, Caos não é mercadoria. Caos é a criação contínua. O Caos nunca morreu” (Bey, 2003: 59). Recriar nossas vidas a cada segundo, sem se abalar com os pequenos ou grandes lutos. Tudo é impermanente. A erótica desordem de Hakim Bey não é desordem é criação, erotismo e tantrismo. É corpo suado, rítmico de Orixá dançando e envolvendo a todos. É o corpo sexuado de Mãe Beata de Yemonjá¹⁴⁰. Orixá dança para abençoar, porém, principalmente, para seduzir. Corpo negro de iyaô em transe, delirando, tremendo, abraçando e roçando. O potencial criativo está no ato de transar, afinal de contas, o instante culminante da criação é o orgasmo mútuo, o jorro de sêmen que sai em disparada – e em ato dispendioso – à caça do ovário à espera. Criação e germinação de outra vida intensiva e extensiva.

O caos como criação contínua e não como desordem ou entropia. Como vida em seu maior esplendor e alegria – “a alegria é a prova dos nove” – e não como morte. Para tanto, é preciso responder a seguinte pergunta: “quais são meus verdadeiros desejos?” (p. 60). Aqui e agora, sem evasões. Matar a cobra e mostrar o pau nesse cenátimo. “O que posso fazer antes que seja tarde demais?” (p. 60). Quais são nossos aliados e quais os nossos inimigos. Encarar o inimigo e enfrentá-

¹⁴⁰ Em palestra na aula da Profa. Marília Rothier Cardoso, na PUC-Rio, Mãe Beata repetiu alisando seu corpo que o sentia por inteiro, ela era sexuada. no sentido mais amplo e criativo da expressão.

lo não de frente, onde o desgaste de energia é maior, e sim entre, usando sua força a nosso favor. A fronteira não é ficar em cima do muro, é, antes, assumir o risco da opção nômade. Sem lar, sem terra, sem propriedade privada. É seguir a travessia e em cada situação responder as duas questões propostas por Hakim Bey e acompanhar o *phylum* da criação contínua. “Kaos = aparente repetição, é como o ato sexual; deixaria de ser gostoso por ser sempre aparentemente a mesma coisa?” (Mautner, 2002b: 418).

O Kaos in(ex)surge como erótica desordem e desabrigo nômade, tendo a criação como motor da história. Outro espaço-tempo, o ambiente do kaos. “Kaos = introdução de monotonia oriental no proceder e na arte do homem ocidental. Nova noção de tempo” (p. 418). Tanto na *shamata*, meditação do budismo tibetano, quanto no *zazen* – “apenas sentar” – estamos diante desse tempo kaótico, monótono, de repetição. Concentração nos movimentos da respiração, inspirando e expirando indefinidamente, para sentir o zen atravessá-lo – *tilt satórico!* – ou perceber o funcionamento da mente e desenvolver o estado de alerta de que falam os tibetanos. Recitar amiúde os mantras, entrar em transe pela repetição.

“Kaos = tensão dramática, enlouquecedora, purificadora, da existência. Tensão que aumenta sempre [...] convergindo sempre para uma tensão maior e para uma ampliação maior dos opostos em intensidade e fúria [...]. tudo aumentando sem cessar, em intensidade e fúria, aumentando assim a tensão que une os opostos.” (p. 418). Das controvérsias emergem encontros que produzem controvérsias. Yin e Yang. Exu e Oxalá. A escuridão e a alvorada. Os extremos se encontram e se chocam. Funcionam ou não, compõem eticamente intervenções e intercessões no *phylum* maquínico.

Andamos atrás não do ego, da razão ou de sua superação, mas sim da superação da “falsa consciência, [d]a ilusão, [d]a realidade consensual e todos os fracassos do ser que acompanham essas enfermidades” (Bey, 2003: 68). Busca antiautoritária que componha e crie ondulações mais éticas e justas com intercessores, ampliando e liberando o corpo, a fala, a mente, o saber, o espírito, ao gerar alegria e potência de ação e de vida. Saquear as dádivas do universo não para se apropriar, privar, sacralizar os fenômenos, os acontecimentos, as experiências, a mudez infante, mas, ao contrário, para experimentar, tomar emprestado e logo devolver esses valores, transvalorados ao cosmos kaótico. “Kaos = o que eu sou. [...]. roubar o segredo dos deuses. E depois de cada roubo, a

certeza de que há um segredo maior e que é preciso roubá-lo também, e assim por diante” (Mautner, 2002b: 418).

7.3. (Com)sciência e o social – disparar experiências

Não quero regra nem nada [...]. Já tenho esse peso que me pesa as costas e não vou eu mesmo atar minhas mãos [...]. A única forma que pode ter norma é nunca ter forma. (Belchior)

Sinto uma curiosa sensação, a mesma de que fala Eduardo Viveiros de Castro, que se produz quando um cientista social entra em contato, pela primeira vez, com os escritos de Gilles Deleuze e Felix Guattari. O cientista social está alinhado ao pensamento conceitual, abstrato. Esterilizou-se e resguardou-se do contágio social – da experiência! – do mundo, das ruas, da lama das favelas, do esgoto que escorre lado a lado aos seus pés, numa eventual pesquisa de campo, do convívio com os tipos sociais que tão bem classifica em suas tipologias. Mesmo que vá a algum lugar dito “social”, retorna ileso, ao seu gabinete higienizado e se esconde atrás do seu notebook. Qualquer aproximação maior ou direta é evitada. O calor das ruas, o espirro da gente, o tumulto dos trens, a fuga das balas perdidas nas favelas ou mesmo nas ruas do Rio de Janeiro são mazelas e conflitos sociais para serem analisados por números, editados no notebook e apresentados numa sala com ar condicionado e de preferência com datashow. Em suma, o cientista social “explica” o social com conceitos formulados previamente aonde os números vêm a confirmar ou não suas hipóteses e se obtiver sucesso na investigação publica artigos e livros. Esta é a ciência social onde a ciência – moderna, diga-se de passagem – vale mais do que o social ou do que a contaminação das ruas¹⁴¹.

E tudo continuou turvo para mim até que tive a curiosa sensação ao ler, não só Deleuze & Guattari, quanto Oswald e Mário de Andrade, Glauber Rocha, Guimarães Rosa, Paulo Leminski e muitos outros. Textos que pensavam a partir e junto com o Brasil, lado a lado, com o índio, o negro, o favelado, o sertanejo, as inúmeras culturas não-ocidentais – ou não-alinhadas. Que pensam a partir da

¹⁴¹ Cf. o fragmento “das contaminações”, no 2º. giro da tese.

“ferida colonial”, esta herança da modernidade / colonialidade (Walter Mignolo), sem cair num discurso evasivo e fragmentado do “tudo pode” ou “qualquer nota”, característico da pós-modernidade. É preciso rigor, ou melhor, rigores. E não se podem dissolver as manifestações culturais em objetos mercantis e bens materiais, pois, desse modo, perdem sua força – seu axé! – e sua filosofia, seus outros modos de operação da lógica de vida e das relações humanas. Sua dimensão política de desconstrução do senso comum, das lógicas que vão sendo naturalizadas.

A curiosa sensação de que comecei falando, num âmbito mais pessoal, vem ao encontro da sensação de paternidade, por um lado, e da terapia reichiana, por outro. No primeiro caso, fico pensando, ininterruptamente, sobre sutilezas e excessos de que gosto, que admiro -- sons, imagens, cores e palavras que contemplo e mostro, agora, para o meu filho. Um exemplo é a música do Batatinha “Um bebê diferente”. Com a terapia reichiana venho perseguindo os recantos consagrados dos meus hábitos corporais e mentais. Os hábitos e os nossos medos não estão escondidos na profundidade da alma – típica formulação moderna – e, sim, na superfície do corpo, com tics nervosos ou posicionamentos habituais do corpo e, também, nas linhas de raciocínio que seguimos diariamente, acreditando que estamos pensando algo novo, inesperado e surpreendente. Ao invés disso, repetimos, diariamente, o mesmo modo de operação. Destruir isso tudo é destruir a si mesmo. A começar pelo vício às teorizações pessoais que nada resolveram nem jamais se inovaram. Sofisticaram-se e incorporaram outras leituras e teorias, mas operam do mesmo modo: alinhando o comportamento e aprisionando-o ao ego.

E agora é o momento privilegiado para seguir a viagem, entregando-se à terceira margem do rio, parando em ilhas ou lares provisórios para descansar e seguir viagem novamente. A vida se dispõe para gente não é no início nem no fim, é na travessia. Entre perspectivas, que afetam e são afetadas, sem jamais topar com “a verdade”. Caço, com rigor, as linhas de fuga liberadoras de axé e chi, não para compreendê-las ou explicá-las, mas sim, para sentir-fabricar conceitos, afetos e perceptos. Não importa se fiz mal ou bem – o fim do juízo – ou se tive medo ou não. É necessário realizar-se, realizar os mundos, as cosmologias várias. Enfrentar o medo que espreita, os alinhamentos do senso comum que vão-nos cerceando. E agora com esse serzinho que veio ao cosmos com 49cm e

3,130kg com vontade própria e, a cada dia maior, transformando o nosso mundo. A sensação – ansiosa – é indescritível, um afago no peito, como se o amor a esse serzinho sustentasse, no ar, o meu peito que relaxa e se entrega a ele inteiramente.

A caça às linhas de fuga disparam experiências. As encontroversias mudas ou, antes, ruidosas entre eu e Lorenzo ou a contaminação das ruas, ares e mares do Rio de Janeiro retoma nossas experiências. Uma caça atravessada por afetos e sem lugar fixo para o ser – o predador e a presa. Esses lugares estão em movimento, ora somos caçadores ora somos caçados. À espreita em ninhos ou esconderijos não comparamos nossa posição, disparamos relações e nos perdemos na multidão. Lorenzo, entre uma careta, um gesto e uma grita, traz alegria à vida e uma vontade de expandir, de acionar a potência de ação – sacudir o mundo e as pessoas. Paro, cismando sobre a vida como Mestre Humberto, observo a chuva que cai lá fora, tantos alagamentos, desastres e haitis. À minha frente, Lorenzo dorme, sorri, sonha e traz consigo a respiração em disparada, tão cheio de vida. Acontecimentos que contaminam meu corpo com esse conhecimento lateral.

7.4. Nômades

O filósofo pode residir em diversos Estados, habitar diferentes meios, mas à maneira de um eremita, de uma sombra, viandante, inquilino de apartamentos mobiliados (Gilles Deleuze).

O peregrino sai em busca de *baraka* (“bênçãos”). O encontro místico é insurrecional, transforma o devoto. Os ciganos e os beduínos desterritorializam-se como modo de vida, se desapegando de qualquer bem material ou qualquer noção de propriedade privada territorializada. Retiram a potência máxima de cada instante, de cada ambiente. O modo de saber não poder ser, neste caso, o mesmo que aquele das sociedades sedentárias. Um estudo minucioso caberia aqui e esse não é o objetivo.

O nomadismo nos garante as conexões sempre parciais. Nada fixado, marcando e controlando nossas ações. Choques entre forças, desejos, interesses nas máquinas desejanças. “A ciganeidade como linha de fuga. Como qualidade do

agenciamento contra o Estado, contra a propriedade privada (seu ideal é estar sempre alhures), contra a idéia de identidade territorial (ela não existe entre eles), contra o imaginário da nação (ela permite ser transregional, transnacional, não ser de lugar nenhum), contra o consumismo (ela implica desapego material: uma vida que cabe num carro, num trailer, numa barraca), contra a exploração do trabalho (não se empregam, viajam)” (Ferrari, a). O que podemos ou mesmo devemos aprender com a experiência cigana-nômade? Com esse “modelo molecular”, criando suas linhas de fuga a todo momento, o que fica de *baraka*? A circulação nômade traça suas próprias associações e nos toca rastreá-las, seguir seu *phylum*, “impedi[ndo] que nossas preconceções importunem nossa vivência de outro mundo” (idem).

Os nômades, em “perambulação sem rumo” ou em “desemprego permanente”¹⁴², caminham num mundo sem fronteiras ou onde só existam fronteiras; pois eles são a borda, o limiar do mesmo e do outro. A espontaneidade, o abandono e o dispêndio são suas regras e em cada local que os abriga estabelecem suas zonas autônomas temporárias. Estão menos apegados à noção moderna de propriedade privada – isto é meu! –, ao ego que regula, vigia e condena nossas ações. Os nômades são “hóspedes em tempo integral” (Bey, b) compartilhando e tomando emprestadas as coisas do cosmos. Escapando das normas rígidas e estabilizantes.

Indo além, diria que, como os nômades, o pensamento nômade que segui nesta tese é profanador¹⁴³ em oposição à força consagradora. “Se consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a retirada das coisas da esfera do direito humano, profanar significava, por oposição, restituí-las ao livre uso pelos homens” (Agamben, 2006: 103). A tarefa não é das mais fáceis, uma vez que o espetáculo contemporâneo leva a esfera do consumo a graus inimagináveis. Tudo é vendável, tudo é comprado, devorado sem que saíamos de nossa zona de conforto. O espetáculo e consumo são, para Agamben, a impossibilidade de usar: “cada coisa é exibida na sua separação de si [...]. Aquilo que não pode ser usado é, como tal, destinado ao consumo ou à exibição do espetacular. Mas isto significa

¹⁴² Ambos os conceitos são de Hakim Bey e foram trabalhados previamente na presente tese. Cf. Bey, b.

¹⁴³ Cf. Agamben, “Elogio da Profanação”, 2006. A tradução é portuguesa, por isso, pode aparecer uma palavra ou outra com a grafia em português de Portugal.

que profanar se tornou impossível. [...] A religião capitalista, na sua fase extrema, visa a criação de um absolutamente Improfanável” (p. 117).

Resistir ao espetáculo e ao consumo de espetáculo. À fetichização de todas as esferas da vida. Consumimos vidas inteiras para sermos algo ou alguém, ou melhor, para retirarmos do uso comum nossas sagradas – transcendentais? – vidas. O *merchandising* está em todas as partes, mesmo quando relaxamos no sofá e ligamos a TV ou navegamos na *internet* estamos trabalhando, consumindo e (re)produzindo espetáculos improfanáveis. O turista, como Hakim Bey o define, “consome diferença” (Bey, b), esgota as diferenças culturais ao sacralizar e exotizar objetos e lugares inteiros. Quer que estes permaneçam intocáveis – paraísos artificiais – de uso restrito. Vai ao encontro do diferente para reafirmar sua condição de turista de espetáculos sagrados.

O turista não é um nômade. Orienta-se pelas ciências régias. O outro é sempre improfanável. Jamais se integra ou mistura-se ao outro; nunca percebe o outro como testemunha de si. Estria, através da sacralização, o espaço do outro. Está sempre do lado de cá, na morada permanente do ser e do conhecimento. Nunca é um turista aprendiz, perspectivista e antropofágico, devorando exterioridades. O nômade é o anômalo do bando ao passo que o turista é um viajante ou etnógrafo que chega naquela comunidade ora impondo regras de fora ora querendo impor-lhes classificações e encaixá-los em categorias teóricas e conceituais.

O nômade confunde-se com o espaço-tempo dos deslocamentos e agenciamentos das perambulações sem rumo ou do feriado perpétuo. Caça, a todo momento, suas linhas de fuga. “A criação de um novo uso é, pois unicamente possível para o homem desactivando um velho uso, tornando-o inoperacional” (Agamben, 2006: 123). Aprender um novo uso – coletivo – para o saber e as experiências. Profanar o Improfanável através da perambulação sem rumo e o desemprego permanente da nomadologia. Afetando e sendo afetado nas andanças fronteiriças. Encorporando-aglomerando-devorando exterioridades e seguindo os rastros descoloniais. O nômade traz a porosidade, o inacabamento e, principalmente, a tarefa profanatória.

7.5. Desabrigo – seguindo o movimento

A vida não é uma idéia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser (Gilles Deleuze).

Uprisings / motins antiautoritários. A *doxa* espalha formas e mais formas dualistas: boas ou ruins. A potência menor, por sua vez, não classifica o mundo entre bom e ruim mas, sim, observa se as coisas funcionam ou não. O que interessa, e isso é importante destacar, é querermos que os outros se libertem de *dukkha*¹⁴⁴. A forma melhor ainda não foi formada – informe. A todo momento os fenômenos estão em construção / desconstrução. Como amolar uma faca: há um duplo desgaste, da faca e do amolador. Ambos se aliam e funcionam até esgotarem sua potência de ação. Neste momento, devemos desterritorializar-nos – morte – e transferir o “momento-pensamento”¹⁴⁵ para outras formas.

Buscando o *iwapele*¹⁴⁶ de cada experiência. O elo tântrico com o Outro e com o cosmos. Uma conexão contínua e lisa. Dizem que, caso tenhamos *iwapele*, não precisaríamos mais consultar o oráculo de Ifá ou os búzios. Estaríamos em sintonia, em devir imperceptível, criança, mulher, outros. Sendo através dos sentidos, da mente em alerta e desperta – estados alterados da mente –, dos afetos e sem a mediação de nenhum elemento transcendente. Neste ponto percebemos que o “único” e o “outro” se incorporam-aglomeram-devoram. “O único depende do outro para ser completo, e não pode e não será um ser realizado em isolamento” (Bey, 2003: 69). É o que o Mautner chama de iluminação felina. “A iluminação começa quando se descobre que a maior coisa é ser gato. E quando a gente começa a aprender a respirar como gato, e andar como os felinos, e **a sentir o cheiro das coisas mais do que compreender as coisas**, é neste dia que você

¹⁴⁴ *Dukkha* foi grosseiramente traduzido por “sofrimento”, porém Walpola Rahula prefere não traduzi-lo, uma vez que carrega outros significados além de sofrimento, de outro modo: “o termo *dukkha* como a Primeira Nobre Verdade, que representa a visão de mundo e vida de Buda, tem um significado filosófico muito mais profundo e traz consigo uma variedade de sentidos muito mais amplos. Admite-se que o termo *dukkha* como Primeira Nobre Verdade significa, obviamente, ‘sofrimento’, mas, além disso, sua tradução também deveria incluir noções mais profundas como ‘imperfeição’, ‘impermanência’, ‘vazio’, ‘insubstancialidade’. É difícil por essa razão encontrar uma palavra que abarque toda a concepção do termo *dukkha* como Primeira Nobre Verdade, e assim, é melhor deixá-lo sem tradução do que o atribuir um significado inadequado e errado, por traduzi-lo convenientemente como ‘sofrimento’ ou ‘dor’” (Rahula, 1974: 13).

¹⁴⁵ Cf. Rahula, 2003.

¹⁴⁶ A boa conduta no mundo ioruba.

entra no reino da iluminação” (Mautner, 2002b: 425). O conhecimento lateral afeta com maior força esse cheiro das coisas. Pegamo-nos cismando sobre a vida e agindo conforme a ocasião pede. Já não existem mais juízes transcendentais de nossas condutas. “Na verdade, somos julgados apenas por nós mesmos e conforme os nossos estados” (Deleuze, 2002: 47).

O “eu”, o indivíduo, no budismo, não possui uma existência intrínseca, uma alma interior, uma essência que se mantém e assegura a nossa existência. “Forma é vacuidade, vacuidade é forma; vacuidade não é outra coisa senão forma; forma também não é outra coisa senão vacuidade” (Dalai Lama, 2006: 61). Somos interdependentes e impermanentes, compostos pelos 5 agregados (forma, sensações, percepções, formações mentais e consciência). Não há nada aqui dentro de nós, escondido e protegido que se mantenha constante – tudo se transforma. O corpo está sem órgãos, agregando e dissipando molecularmente. Cessar o *dukkha* de todos os seres sencientes é a árdua tarefa do budismo; e também, a motivação que orienta os motins antropofágicos e descoloniais desta tese. O pensamento deve manter-se fronteiro, na co-existência entre muitos, entre diversos. Um povo dissolvido na multidão, sem amarras formais, sem hierarquizações, sem espaço-tempo delimitado. Um transe e trânsito por entre o múltiplo, desmedido, dispendioso, cismando sobre a vida, fumando o charuto de *cannabis*, em desemprego permanente, caindo fora das normas, formas e conceitos. Ou melhor, fabricando conceitos e afetos para cair fora deles. Afetar-se pelos conhecimentos laterais, pela dimensão muda e infante, pré-individual que convive com nossas identidades individuais no plano de imanência. Está tudo aí, aqui. Deixar-se estar e devir nas encontroversias mágicas, transmutando-nos a todos. Eu sou igual ao outro, a você, sempre já na fronteira do outro, o arranjo entre os 5 agregados. Juntos, germinamos potências de libertação, liberando ares, mares, ardências e a fluidez.